

ISTO É Dinheiro

3, 2, 1...

Falta pouco para o Brasil decolar

Vários SINAIS DE OTIMISMO entre empresários e investidores indicam que a retomada do crescimento será mais rápida e mais forte do que o previsto. Esse fenômeno não é só para inglês ver: por trás das **ALTAS CONSECUTIVAS DA BOLSA**, da **QUEDA DO DÓLAR**, dos anúncios de **NOVOS INVESTIMENTOS** e da elevação dos **ÍNDICES DE CONFIANÇA** na economia, há uma expectativa de **EXPANSÃO DE 6% DO PIB** em 2017 e 2018

ECONOMIA



A ONDA SOMBRIA DE RISCOS GLOBAIS

NO ANO MAIS INSTÁVEL DESDE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL, A ASCENSÃO DE DONALD TRUMP E A ESCALADA AUTORITÁRIA NA TURQUIA SUSCITAM DEBATE SOBRE FUTURO DA ECONOMIA GLOBAL

Gabriel BALDOCCHI e Paula BEZERRA

Quando Donald Trump foi oficializado como o nome republicano para a disputa presidencial nos Estados Unidos, na quarta-feira 20, o favoritismo do bilionário no partido não era mais uma surpresa do público americano nem do mundo. Sua candidatura despontou pouco a pouco nas primárias com frases polêmicas e um tom populista que acabou encontrando eco numa plateia mais numerosa do que o previsto. Com 13,4 milhões de votos, Trump derrotou 16 candidatas e superou George W. Bush como o recordista das primárias republicanas. Ele pode até não vencer em novembro, mas entrará para a história como o azarão que ajudou a acentuar as

tensões geopolíticas no ano mais instável desde o fim da Segunda Guerra Mundial, segundo avaliação da consultoria Eurasia, que publicou em janeiro um relatório com os dez principais riscos no mundo. De lá para cá, seis riscos já foram confirmados. E, curiosamente, Trump não era um deles, o que ajuda a explicar porque especialistas começaram a levantar hipóteses sobre mudanças mais estruturais na ordem política e econômica global.

A suspeita é de um revés no processo de globalização, cujo resultado pode ser uma onda de prote-



GOLPE DO GOLPE:

Revide turco contra tentativa de golpe gera escalada autoritária e ameaça estabilidade democrática na Turquia

uma ironia desconcertante para justificar seu desinteresse sobre a escalada de violência e repressão na Turquia nos últimos dias. Segundo ele, antes de se intrometer em problemas externos, os Estados Unidos precisam "consertar a própria bagunça": "Olha o que está acontecendo com o nosso país", disse Trump. "Como vamos fazer discursos quando as pessoas estão matando a sangue-frio."

Palco de atentados terroristas desde 2015, a Turquia é um dos seis riscos apontados pela Eurasia que se confirmaram. O país vive uma iminência de guerra civil após a tentativa de golpe militar que tentou derrubar o presidente Recep Tyiap Erdogan. O fracasso da ofensiva, que contou com a mobilização popular e a morte de 240 civis, legitimou os desmandos de Erdogan e colocou o grupo favorável ao seu mandato como álibi do avanço protecionista e autoritário, num risco à estabilidade democrática. Veículos de comunicação independentes estão sendo fechados e opositores, perseguidos e presos. Mais de seis mil soldados, 700 promotores e 21 mil professores sofreram represálias. "Ele está polarizando cada vez mais o país", diz Mustafa Goktepe, presidente do Centro Cultural Brasil-Turquia. A resposta desmesurada do mandatário também já estava nas previsões da consultoria Eurasia. No tópico, "líderes imprevisíveis", Erdogan aparecia ao lado de Vladimir Putin (Rússia), Petro Poroshenko



CONTRA-ATAQUE:

presidente turco Recep Tyiap Erdogan usa ameaça de novo golpe como justificativa para represálias contra imprensa, promotores e funcionários públicos

(Ucrânia) e o príncipe Mohammed Bin Salman (Arábia Saudita), como autoridades capazes de provocar instabilidade.

Uma semana após a ofensiva militar, Erdogan decretou estado de emergência de três meses, cessou a Convenção Europeia de Direitos Humanos e passou a atuar contra seus inimigos sinalizando a favor da pena de morte. A Turquia é a porta de passagem da Europa para o Oriente Médio, vizinha da turbulenta Síria, que está conflagrada por uma guerra civil e é celeiro do grupo terrorista Estado

cionismo e incertezas nocivas ao crescimento global. O temor sobre uma eventual vitória do bilionário é diretamente proporcional à sua popularidade. Quanto mais ênfase coloca no interesse nacional e nos questionamentos sobre os benefícios de relações com o mundo, em temas como imigração, mais Trump consegue convencer eleitores e assustar autoridades e especialistas. Há dúvidas se os seus comentários se traduzirão em ações concretas caso ele venha a suceder Barack Obama. Enquanto não se confirmam, porém, o tom da palavra e os sinais de mudanças radicais na posição da potência assustam. "Está na hora de mostrar para o mundo que a América está de volta - maior e mais forte do que nunca", afirmou no discurso de encerramento das convenções que o confirmaram no páreo, na quinta-feira 21. No mesmo evento, o candidato já usava

Islâmico, também confirmado como uma das maiores ameaças do ano pela Eurasia. Devido à localização estratégica, líderes europeus demonstraram cuidado ao se pronunciar contra Erdogan. Por concentrar grande parte dos refugiados que tentam ingressar na Europa, as retaliações contra o regime autoritário são mais brutas, para que ele não abra mão das políticas migratórias adotadas até então. "A Turquia está usando todas as cartas que têm nas mãos para que não contem as atuações do Erdogan", diz Goktepe. "Sanções econômicas, por exemplo, estão fora de cogitação."

As consequências da instabilidade política na Turquia já são aparentes na economia. A lira turca caiu ao menor nível desde 2008 após a tentativa de golpe. Já o setor de turismo, responsável por 5% do PIB, vem sofrendo há mais tempo, com um tombo de 23% de janeiro a maio, segundo relatório da Coface, seguradora de crédito especializada em riscos globais. A previsão é de piora ao longo do ano. "Se a lira continuar caindo, não descartamos, também, os riscos de fuga de capital", afirmou o relatório. No Brasil, o processo de desvalorização da

ECONOMIA



moeda e o risco de fuga de capital observados após a reeleição da presidente Dilma Rousseff perderam força com o impeachment - também levantado como um dos grandes temas do ano em janeiro.

De todas as preocupações apontadas para o **início de 2016, a decisão dos britânicos de deixarem a União Europeia, o chamado Brexit, confirmada no plebiscito de junho**. Como um endosso da retórica defendida por Trump, o resultado da consulta popular é uma das razões a suscitar um debate sobre tendências globais de maior profundidade. "A votação do Brexit implica num substancial aumento das incertezas política, econômica e institucional, que terá consequências negativas macroeconômicas", afirmou o Fundo Monetário Internacional (FMI) no mais recente relatório de projeções. Devido ao evento, a previsão de crescimento para este ano caiu de 3,2% para 3,1%. No relatório, há também um destaque para as influências negativas das tensões geopolíticas e o terrorismo em diversas economias mundiais.

Para que toda a lista de ameaças se confirme e

O GATILHO AMERICANO:

Donald Trump, confirmado como candidato republicano na corrida presidencial, é uma das principais fontes de incerteza global

moeda e o risco de fuga de capital observados após a reeleição da presidente Dilma Rousseff perderam força com o impeachment - também levantado como um dos grandes temas do ano em janeiro.

De todas as preocupações apontadas para o **início de 2016, a decisão dos britânicos de deixarem a União Europeia, o chamado Brexit, confirmada no plebiscito de junho**. Como um endosso da retórica defendida por Trump, o resultado da consulta popular é uma das razões a suscitar um debate sobre tendências globais de maior profundidade. "A votação do Brexit implica num substancial aumento das incertezas política, econômica e institucional, que terá consequências negativas macroeconômicas", afirmou o Fundo Monetário Internacional (FMI) no mais recente relatório de projeções. Devido ao evento, a previsão de crescimento para este ano caiu de 3,2% para 3,1%. No relatório, há também um destaque para as influências negativas das tensões geopolíticas e o terrorismo em diversas economias mundiais.

Para que toda a lista de ameaças se confirme e

"ESTÁ NA HORA DE MOSTRAR PARA O MUNDO QUE A AMÉRICA ESTÁ DE VOLTA"



ALVO CONSTANTE: Temor de novos ataques terroristas, como o que matou dezenas de pessoas na França, aprofunda sentimento nacionalista

O ANO DA TORMENTA

Majoria dos riscos previstos pela consultoria Eurasia em janeiro se confirmaram

Confirmado	Aparente, Mas Não Confirmado	Não Confirmado	Não Era Risco, Mas Virou
Europa fechada (Brexit, crise de imigração)	Impeachment no Brasil	Divergências maiores entre EUA e Europa	Ascensão dos "tecnologistas" (Google, Facebook, Apple e Amazon)
Aumento de ataques do Estado Islâmico e terroristas	Tensão em ano não-eleitoral nos emergentes	Maior presença econômica da China no mundo	Eleições nos EUA
O perigo de líderes imprevisíveis (Rússia, Turquia, Arábia Saudita e Ucrânia)	Desestabilização na Turquia	Enfraquecimento da Arábia Saudita aumenta a tensão no Oriente Médio	

Fonte: Eurasia Group

2016 seja, de fato, o ano mais instável desde a Segunda Guerra nas áreas da Eurásia, faltariam ainda uma escalada de agitação da Arábia Saudita e o avanço da China como potência investidora global (leia quadro acima). São dois riscos aparentes, mas não totalmente confirmados diante dos outros temas urgentes. Apenas a chamada "ascensão dos tecnologistas", como foi classificada a crescente influência geopolítica de chefes de empresas como Google, Facebook e Apple, ainda está mais distante de ser encarada como uma grande ameaça. Seja como for, já há quem aponte uma fragilidade na integração mundial e o risco de que o mundo repita um desencontro observado após a Grande Depressão. "O que está afetando a avaliação positiva sobre a globalização é a incapacidade de o comércio internacional em representar um elemento relevante de desenvolvimento", afirmou o professor de economia Universidade de Columbia, Albert Fishlow. Para ele, a solução contra a tendência hostil global depende de um esforço do G-20 e de um alinhamento de políticas de estímulo dos

principais bancos centrais do mundo.

A mesma avaliação é apontada por outros analistas, que enxergam ainda consequências negativas para o comércio internacional em caso de discordância entre as potências. "Acordos comerciais como o TPP (Parceria Transpacífica) tem grandes chances de ser reprovados e há risco de um crescimento no protecionismo", afirmou à DINHEIRO Barry Bosworth, do Brookings Institute. Trata-se de um diagnóstico especialmente nocivo para o Brasil num momento em que o País se lança ao exterior para contornar a desaceleração do mercado interno e tenta finalizar, junto com o Mercosul, uma negociação comercial de mais de dez anos com a Europa. Resta saber que tempo caberá ao País caso as previsões de um mundo mais focado no nacionalismo e protecionista se confirmem.